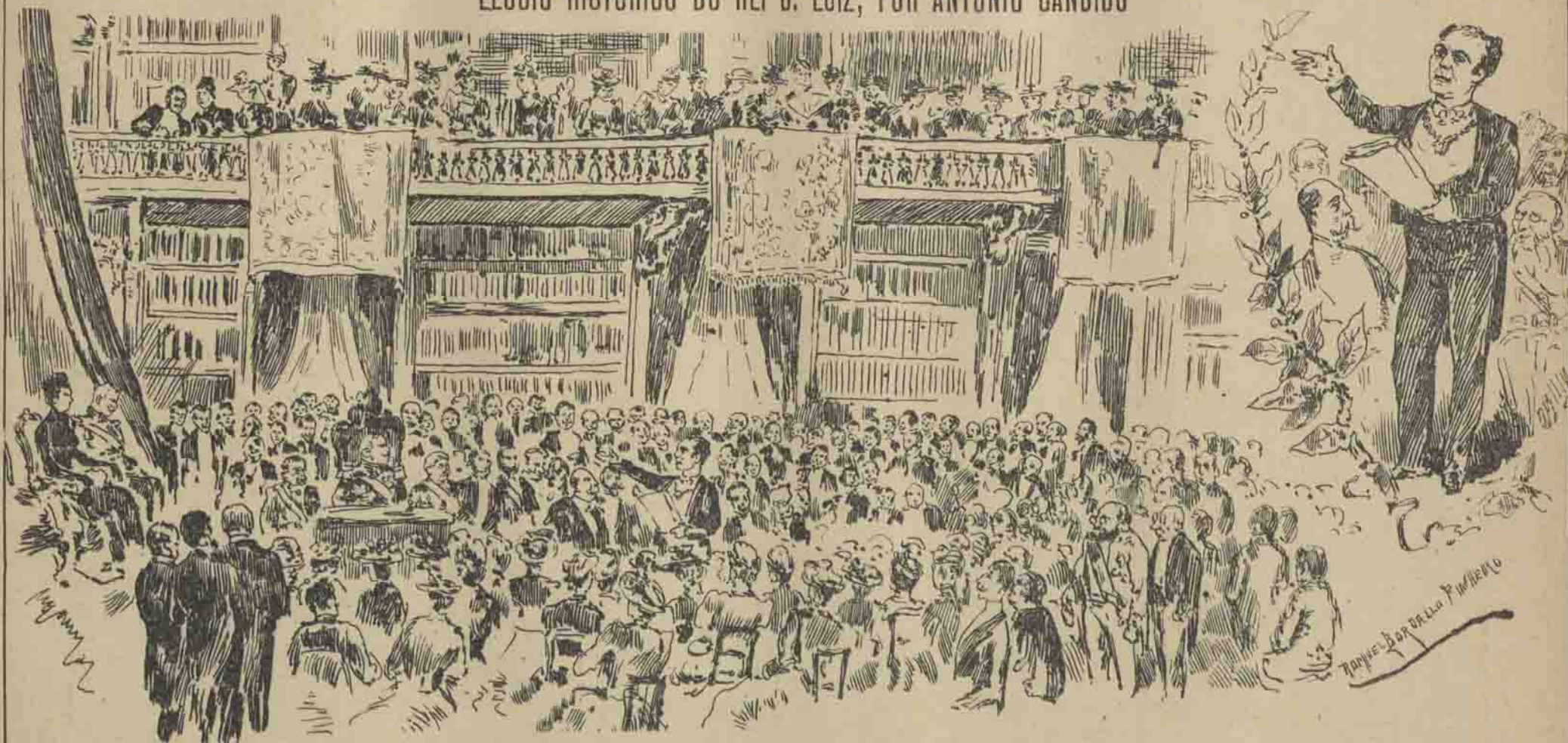


ELOGIO HISTORICO DO REI D. LUIZ, POR ANTONIO CANDIDO



Domingo ultimo, leu Antonio Candido, na grande sala da bibioteca de Jesus, e em presenca d'uma escolhida assembléa, o panegyrico do rei D. Luiz, cuja vida historiou justiceiramente, sem preocupações aristocraticas do meio, nem vestoria previa aos *desejos historicos* do auditorio.

Isto fez do seu trabalho, d'algunha forma, uma obra de protesto, e enrubesceu a lenda de homem puro, que o orador já tem, entre os que lhe admiram, apar do genio e da indole sonhadora, a alma inquietantavel.

Livraria da quinzena



Das publicações em *vitrine*, nos últimos trinta dias, apartando aquellas de que não tem a occupar-se a crítica, mesmo benevola, ainda fica á farta materia sobre que exercer uma pouca de justiça. Occupar-me-hei hoje das edições meudas, guardando para mais demorada visita, dois livros, que por sua contextura e elevado thema, dever é que se lhe dê lugar á parte. Refiro-me aos DISCURSOS E CONFERENCIAS d'Antonio Candido, e ao GIL VICENTE, do sr. visconde d'Oguella.

A livraria portugueza tem, no semestre que vae, quasi exclusivamente vivido de folhetos e de publicações d'ocasião. Verdade seja, que eu só quero mal aos escriptores de fasciculos, quando n'esses trabalhos, a consciencia litteraria é posta de parte, para dar lugar á ganancia do momento.

Entendo que muitos exploram, sem maiores escrúpulos, o mercado, inscrevendo-se, pela maneira como o fazem, ao par dos bengaleiros que fazem reclame aos chapéus de chuva e bengalas da sua loja, baptizando productos com o nome do heroe da semana, Serpa Pinto ou Dora Lambertini, ponco impórta; enquanto outros, ronceiros, só acordam a fallar das questões, depois do interesse por ellas ter passado. A par d'estes pamphletistas, vem ainda os pequenos entusiastas pelos casos d'aparte, cujas locubrações vem repassadas d'uma indivisivel tristeza provincial.

Estão no caso os idolatras de antigos escriptores, os fieis e os crentes de antigas escolas litterarias, de antigos livros, d'antigas aventuras — gentes avulsas, algumas com talento, gravitando porém tão fóra dos centros, que ainda não alvorecidos para a imprensa, já todo o mundo lhes prognostica o oceano proximo.



Supponho que os auctores de que vou dizer, não verão nas palayras que acima deixo, uma allusão, leve que seja, aos seus trabalhos.

Ahi está em primeiro lugar o folheto do sr. Luiz Trigueiros, A DESPEDIDA DE JOB (*carta a Thomé de Diu*), todo elle florejante de humor, e levemente tocado de tintas d'arte, que dão ao todo um travo aperitivo.

«... já viste amigo, terra mais propensa
a flagellos crueis, hervas damminhas?...
A reportage, a correr a imprensa,
o philoxera a devastar as vinhas...
O pirata do norte — o nosso amigo,
generoso freguez do nosso vinho,
e que amavel nos traç de longe um figo
e o come no caminho...»

O bem intencionado, austero monge,
o fiel alliado, o verdadeiro,
— Que Deus conserve sempre lá ao longe,
n'esse honrado mister, de bandoleiro...»

Ahi vem após o sr. Antonio d'Oliveira Soares, decadista do Azul, um debutante ainda, *pourri de chic*, n'este alpinismo da rima preciosa, — que ente nos está intentando um grupo de novos, que é muito possível se façam velhos, antes de tempo.

No livro... Azul do sr. Oliveira Soares, ha uma preocupação d'exotismo, que pelo artificial evidente, não deixa de captar. O poeta compraz-se em *empastar o burguez* (*épater le bourgeois*) n'este intuito rebuscando, para os seus versos, effeitos de todo o ponto anti-adoiados,

«Outomno frio, Na bysantina janella,
Ha uma flor de neve, hyallina, radiante,
Fechado o seu balcão... Oh! o tempo adoçante,
Em que eu via, silente, a vesperal Estrella!»

A pag. 8, o Capacete...

«Entre punhaes, broqueis, espadas,
Ha um pesado capacete,
Descançando no gabinete
Sobre credencias trabalhadas.

Talvez fosse ás Guerras Sagradas
Na fronte altiva d'um cadete...
Entre punhaes, broqueis, espadas
Ha um pesado capacete.

Ah! quantas Damas angustiadas
Seguiriam no leal ginete,
Plumas ao vento, abandonadas,
O que ora está, cõr de verdete,
Entre punhaes, broqueis e espadas.»

Se não fóra alardearmos de cadetes useiros e ve-seiros em guerras santas, diriamos como Anna Pereira, no *Piperlin* — Ceus, que vejo? o meu capacete!



A SOCIEDADE E O CRIME, é a edição onde o sr. Teixeira de Brito verteu a portuguez o CLAUDE GUEUX, de Victor Hugo, precedendo-o d'um panegyrico caloroso do poeta, e commemorando assim o quinto anniversario da sua morte. Detesto o CLAUDE GUEUX,

que sendo uma narrativa destinada a pôr em relevo, os horrores da pena de morte, nada me diz á alma ou á razão, e apenas me enfastia pela *enflure* inteiramente reitorica e *demodé* com que foi pensado e executado. Já lá vai o tempo em que bastava Victor Hugo pôr o seu nome, por baixo de vinte páginas de pompa, para se boquiabrir o mundo em hosanas ao genio. Bom é que do colosso ficassem tres ou quatro livros de poesia; o resto são marafalhas, luminosas apenas, que o tempo irá incinerando a pouco e pouco.

Devo dizer do PREAMBULO do sr. Teixeira de Brito, como d'um *panneau* de prosa allegorica, onde a apotheose de Hugo vem tracejada a fortes côres, com um delirio d'admiração fanatica, que uma ou outra vez lhe perturbará a limpidez da execução. Exemplo, n'este periodo:

«Dir-se-ia isso se a rocha secular do fanatismo, escalada pelo braçopujante da philosophia, ainda abrisse as suas azas de abutre, para escravisar a humanidade, etc...»

E' evidente que isto foi apenas um lapso; mas

não esqueça o sr. Teixeira de Brito, de que foi com lapsos d'estes que o conde de Valençães escreveu, durante seis annos, aquelles famosos relatórios dos *Albergues Nocturnos*—que sempre lhe videram um renome!

Ahi temos fresquinho o 4.º numero da REVISTA ILUSTRADA, publicação do mais puro sabor portuguez, onde a parte artistica attinge um cunho de novidade rara entre nós, e que a proseguir assim, de certo fica entre os mais nobres esforços que um editor haja feito, para doar ao paiz um typo d'illustração, resistente aos confrontos. Tem este numero da REVISTA ILUSTRADA duas inextimaveis qualidades: revelar como a gravura entre nós vai caminhando, mesmo desajudada d'auxilios; e não conter uma vinheta, um desenho, que não sejam referentes a factos da nossa vida, ou sequer copiados sobre monumentos e obras portuguezas.

Accentuemos que ha n'elle um *cachet* d'arte, que põe os nossos outros jornaes illustrados, a cem passos, e registre-se com muito applauso, a tentativa de Antonio Maria Pereira e de Marianno Level, como uma das mais generosas, n'este sacrosanto empenho de desemburrar o indigena, *malgré tout*.

Findando. Ahi está Um Garro, de Luiz Osorio, pamphleto patriótico, em magnificos versos, cujo producto de venda a Subscrição Nacional deve embolsar, e n'uma edição formosa da livraria Ferin, o D. Aronso vi, de João da Camara, drama-poema, que ainda ao fim da sua pujante vida scenica, constitue a mais nova e a mais original das leituras poeticas que possamos fazer.

IRKAN.



A abordagem do chaveco

(A GUERRA JUNQUEIRO)

Dias sem fim de nevoal escolhos calmarial
Perdidos! cada vez mais espesso o nevoeiro!
Toda a chusma tem medo, e frio, e covardia,
Do capitão do barco ao ultimo gageiro!

E eram lobos do mar impavidos, valentes!
Fizeram tanta vez a volta do planetal
Primeiro que ninguém elles partiram crentes,
Algo nuevo! a buscar a sua prôa inquietal!

Cançados da viagem,
Surprehendê-os de repente esse nevoeiro. As maguas
Do coração viril d'aquella marinagem!
Dormir, sonhar... enquanto a morte espreita ovante
No surdo marulhar impiedoso das aguas!

E um dia,
Avulta no nevoeiro uma visão sombria,
E um grito d'odio explite d'ess' chaveco errante...
A abalroação, a morte, a agonia sem gloriol
Oh! como se é covarde, oh! como se é bandido,
Como se assalta assim um chaveco perdido!

Ah! como a bruma esconde o rude sol da Historial

Orça, allivia!
Rapazes, tudo é fatal eis a abordagem
E o naufragio, depois do navio saqueado!

Coragem!

Orça, allivia!

Coragem!

E preciso acordar do lethargo! A metralhal
Alguem acudir! ao nosso immenso brado!
São covardes, poltrões esses piratas! Fogo!
Fogo ao payol! verão como elles fogem logo
Ao cheiro do rastilho e aos gritos da batalhal!

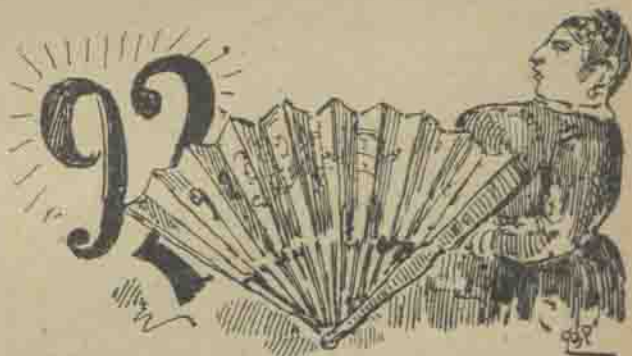
Viva a Patrial e depois, viva a Morte! Rapazes,
Aos mais puros, aos mais viris, aos mais mudazes!

Paire sobre o navio, ensanguentada, ardente,
A bandeira do fim funebre e resplendente,
A bandeira da Honra, a bandeira que ha de
Envolver-nos de luz e sangue! A liberdade
A liberdade! Ah! quem ha ahi que desespera?

Vamos a pique! Emboral A bandeira lital
Unge o nosso naufragio, homens de Portugal,
E esche-o de gloria e soes, como uma astral crateral!

Colmeia, 28 de maio.

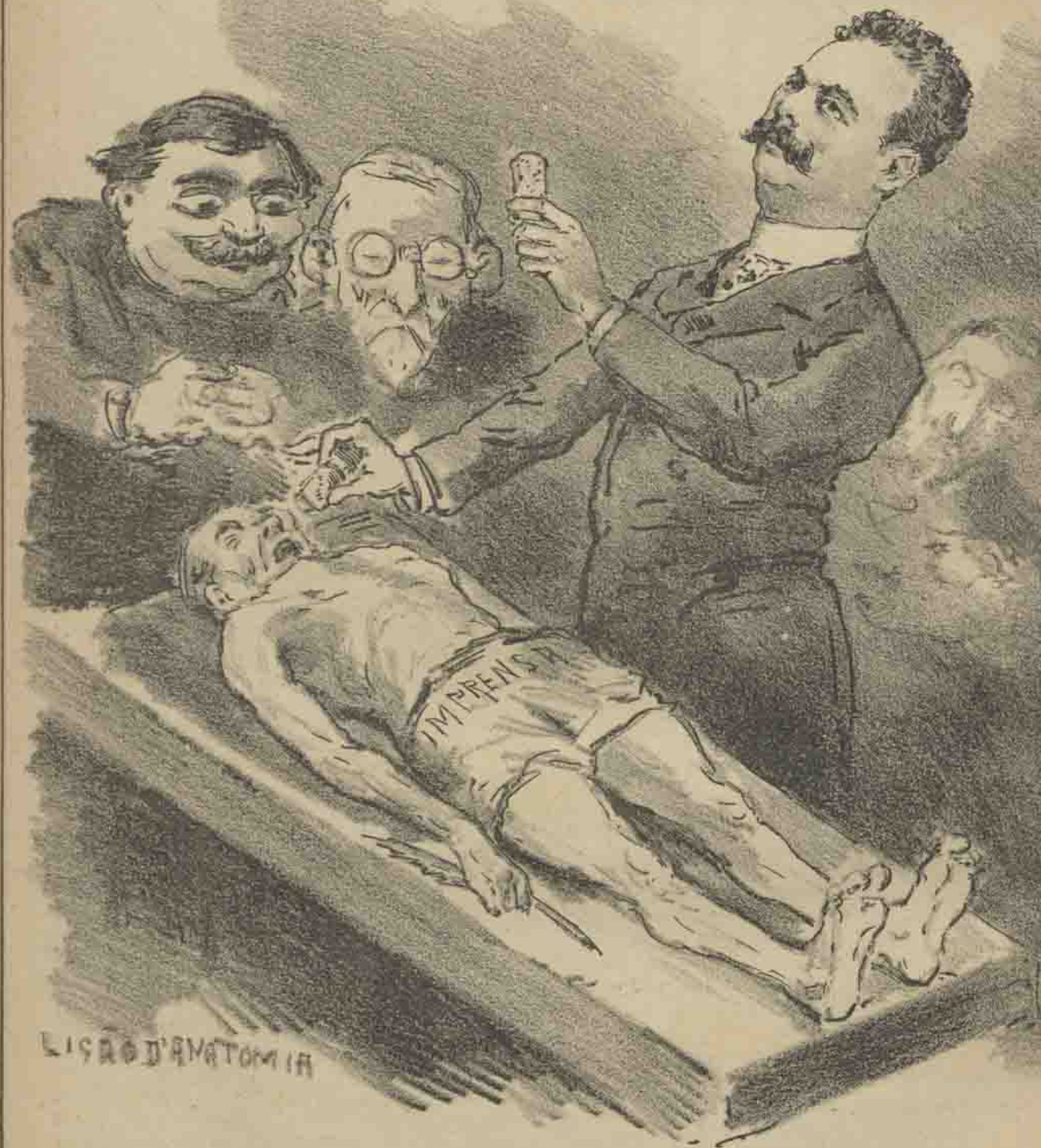
ALBERTO OSORIO DE CASTRO



Leques

O G2 da rua Nova do Almada, lançou agora no mercado uns leques patrióticos, onde d'um lado se pôde lêr a musica e a lettra da *Portugueza*, enquanto do outro brilham as côres nacionaes. Leques, raros, sob o bafejo dos quaes não haverá patriotismo de dama que não cresça, e lhe extravase das fórmas do corpete — Co's diabos!

Nas côrtes



LISO D'ARMATOMIRA

N'um discurso enorme (mas cuja extensão d'esta vez applaudiremos) detalhou o sr. Elvino de Brito o quanto havia de odioso na lei contra a imprensa, cujas rolgas elle procurou tirar da mesma, em termos da desrolhada poder articular gostosamente, um *muito obrigado*, enternecido.



RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Tanto calor, e este diabo tão abafadinho. Estafermo!

Anathema

(JORNAL DE COLLABORAÇÃO EUROPEA, NÚMERO ÚNICO, PUBLICADO A BENEFÍCIO DA SUBSCRIÇÃO NACIONAL, PELOS ACADEMICOS DE COIMBRA, ANTONIO VAZ DE MACEDO, E A. PINTO DA ROCHA).

Compõe um vasto fascículo, grande e modeladamente impresso, a serie de pensamentos, d'artigos, d'objurgatorias e d'applausos, que ás litteraturas latinas da Europa inspirou a affronta de que fomos victimas, por banda da Inglaterra. Entre os collabores do ANATHEMA, figuram os mais distincto poetas e prosadores de França, de Hespanha, d'Italia e de Portugal; e sob este ponto de vista, o successo da publicação é completo, e a encher d'orgulho a iniciativa dos illustres escolares que a emprehenderam. Assim, todos poderão lêr no ANATHEMA as assignaturas de Anthero do Quental, de Marco Canini, Barros Gomes, Raphael de Labra, Lombroso, Richepin, Emilia Pardo Bazan, Juliette Adam, Gomes Leal, Pi y Margall, Oliveira Martins, Joseph Reinach, Francisco Giner de los Rios, Camillo Castello Branco (foi este o seu ultimo trabalho!) Augusto Vacquerie, Molmenti, Rodriguez de Freitas, Emilio Ferrari, Teixeira de Queiroz, Augusto Rocha, Fernando Palha, Amicis, João de Deus, González Serrano, Th. Braga, J. B. Gueria (redactor politico do jornal francez *National*) Fialho d'Almeida, Rosario d'Acuña, Becerro de Bengoa, Padre Barroso, Thomaz Ribeiro, Eg Guyon (r. da *Patrie*) Campoamor, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Clovis Hugues, João Penha, etc.

Eis o soneto de João Penha :



O MARIDO DA VICTORIA

Nos cavacos de soalho
Ha muito quem certifique
Que, por topar duro encalho,
Marianno de Carvalho
Já não vai pra Moçambique.

Diz-se mais — no tom de queixa
Proprio a carpir mal's supremos —
Que o *inglês* é que não deixa
Que, no que é nosso, se mexa
— Por isso nós não mexemos...

O caso traz-me á memoria,
— Entre coisas que não digo —
Aquella soberba historia
Do marido da Victoria,
Que tinha em casa um amigo...

O tal amigo, um farçante,
Mal na casa um dia poisa,
Co' o seu modo insinuante,
Faz da mulher sua amante,
Faz do marido... *a tal coisa*...

E, depois de fazer vasa
Co' a Victoria toda bella,
Tanto ordena, tanto emprasa,
Que inda é mais dono da casa
De que o proprio dono d'ella!

Só se attende ao que lhe cheira,
Só se faz o que elle quer :
— Que o marido, de maneira,
Já não póda, inda que queira,
Dar um beijo na mulher!

Bem quizera o pobre tanso
Protestar com dois pinotes :
Porém, dado ao seu ripanso,
Tinha medo que em tal lanço
O outro lhe fosse aos fagotes. —

Sem poder botar remendo
Nesse viver desgraçado,
Costumou-se ao caso horrendo,
E assim foi sempre vivendo :
A tal coisa... e aperreado...

Teve, ao morrer, a mercê,
Da tumular inscripção :
«Aqui jaz — n'ella se lê—
Quem começava por **C**
E terminava por **ão**...»

Não salta aos olhos da gente,
Ao terminar esta historia,
Que Portugal, ao presente,
E' tal qual, exactamente,
O marido da Victoria?...

PAN-TARANTULA

ALLIANÇA COM A HESPAÑHA

— Dás licença, ó bella ninha?
— Si te gusta, no me opongo!
— que offereça á tua sobrinha
— UM SABONETE DO CONGO?

Sabonaria Victor Vaisnier, em Paris

Pobre Arroyo!!

MINISTERIO DE INSTRUCCÃO PUBLICA



E ainda me chamam Arroyo tyranno?! Olhem p'ra isto! Inda o ministerio d'instrucção publica e mal as artes, não está feito, já os pretendentes ameaçam desfazer-me. Arroyo tyranno!... Arroyo martyr, é que eu sou!

A toirada em Cintra



Madame Maestrik estreiou-se gentilmente, como picadora de toiros. Os toiros babavam-se de gulosos, e nem sentiam a picadura — o que de resto não admira, dada a condição do sexo da picadora.

Festejando essa graciosa estreia, illustramos alguns trechos da chronica tauromachica de José Pampilho, nas *Novidades*.

Segundo essa chronica, até houve um boi que se tapava. Devia ser muito tapado, o tal boi, que se tapava n'uma tarde de calor, como a de domingo. Só se era com vergonha de... madame Maestrik.